

**NÃO HÁ FIM
NESSE CAMINHO
DE ANDARILHO: UMA
RESENHA CRÍTICA DE
A ESPERA, DE KEUM
SUK GENDRY-KIM**

Maria Gabriela Wanderley Pedrosa

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

<http://lattes.cnpq.br/4797383469010054>



RESUMO: Texto vencedor do segundo lugar no Concurso de Resenhas de Literatura Coreana em 2021, realizado pelo Consulado Geral da Coreia em São Paulo e organizado pela ARA Cultural, empresa que agencia e traduz literatura coreana para o Brasil, esta resenha ocupa-se de um trabalho da autora sul-coreana Keum Suk Gendry-Kim, que retorna ao catálogo da editora Pipoca & Nanquim no Brasil. Em 2020 foi publicado *Grama*, eleita a melhor novela gráfica pelos jornais *The New York Times* e *The Guardian*, e esse ano temos o prazer de ler *A Espera*. Felizmente, o público brasileiro tem a oportunidade de ler a tradução de Yun Jung Im, principal tradutora do coreano para o português, detentora da sensibilidade estética necessária para destrinchar a poética memorialista de Keum Suk Gendry-Kim. A trama contempla uma precisa observação sobre as narrativas de pessoas que atravessaram a Guerra das Coreias (1950 – 1953), tornando a memória o personagem principal, o ímã que une todas as pontas da novela. Dividida em dez capítulos, a narração é alternada entre Gwijá, sobrevivente da Guerra, e sua filha mais jovem Jiná, uma escritora, mostrando a relação entre mãe e filha que finda por espelhar, na verdade, em um ruidoso diálogo entre a antiga Coreia, que guarda resquícios de processos traumáticos, e a nova Coreia, globalizada, que silenciosamente se afasta das marcas violentas. Com um tom biográfico, Keum Suk Gendry-Kim se preocupa em entrelaçar essas duas faces e reviver ficcionalmente esse traumático momento história coreano.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Coreana; Memória; Novela Gráfica

ABSTRACT: Second place winning text in the Korean Literature Review Contest in 2021, held by the General Consulate of Korea in São Paulo and organized by ARA Cultural, a company that manages and translates Korean literature to Brazil, this review deals with a work by South Korean author Keum Suk Gendry-Kim, who returns to the catalog of publishing house Pipoca & Nanquim in Brazil. In 2020 *Grama* was published, elected the best graphic novel by *The New York Times* and *The Guardian*, and this year we are pleased to read *A Espera*. Fortunately, the Brazilian public has the opportunity to read the translation by Yun Jung Im, the main translator from Korean to Portuguese, who has the necessary aesthetic sensibility to unravel the memorialist poetics of Keum Suk Gendry-Kim. The plot contemplates a precise observation on the narratives of people who went through the Korean War (1950 – 1953), making memory the main character, the magnet that unites all the ends of the novel. Divided into ten chapters, the narration alternates between Gwijá, a survivor of the War, and his youngest daughter Jiná, a writer, showing the relationship between mother and daughter that ends up mirroring, in fact, a noisy dialogue between ancient Korea, that keeps traces of traumatic processes, and the new Korea, globalized, that silently moves away from the violent marks. With a biographical tone, Keum Suk Gendry-Kim is concerned with intertwining these two faces and fictionally reliving this traumatic moment in Korean history.

KEYWORDS: Korean Literature; Memory; Graphic Novel

O boom das Histórias em Quadrinhos (HQ's) no Brasil aconteceu, de fato, da década de 2000 em diante, com a injeção de políticas públicas governamentais no mercado editorial brasileiro, que, à época, focavam massivamente nas adaptações literárias. Esse movimento aprofundou o estigma de arte menor que as HQ's sempre carregaram, principalmente durante esse período em específico no Brasil, tratando o gênero como um produto secundário, deficiente de certa "originalidade".

No entanto, essa conjuntura foi se movimentando contrariamente ao cisma criado por meio de um dos braços dos quadrinhos, as novelas gráficas, que começaram a ganhar mais espaço nas livrarias e nas estantes, uma vez que os artistas incitaram a exploração de temas e estéticas, em sua maioria, mais complexas.

Um marco foi a novela gráfica *Daytripper*, de 2011, publicada pela Panini Books concebida pelos quadrinistas gêmeos Fábio Moon e Gabriel Bá. Aclamada pela crítica, a novela gráfica foi vencedora de vários prêmios no *Eisner Awards* (o Oscar dos quadrinhos).

Daí foi se desenhando um novo espaço criativo no Brasil, dando margem ao espraiamento de outras formas de quadrinhos, expandindo novas formas estéticas, furtando-se de se dedicarem somente às charges, às tiras, aos álbuns, às fanzines e, até mesmo, aos mangás.

O momento lançava luz às novelas gráficas. O que começou com uma movimentação interna, foi possibilitando uma maior entrada de obras internacionais no mercado editorial brasileiros voltados aos quadrinhos, principalmente no tangente às novelas gráficas com temáticas políticas e autobiográficas.

Como exemplos, é citável *Bordados e Persepólis*, de Marjane Satrapi; *Maus - A história de um sobrevivente*, de Art Spiegelman; *Habibi*, de Craig Thompson; *Palestina*, de Joe Sacco; e *O mundo de Aisha: A revolução silenciosa das mulheres no Iêmen*, de Ugo Bertotti. Esses são apenas alguns dos que pululam nas prateleiras, sendo bem recebidos tanto pelo público quanto pela crítica. Dentro dessa nova seara que se mostra pro-fícua, a autora sul-coreana que vem galgando um espaço importante nesse *hall* é Keum Suk Gendry-Kim.

A autora sul-coreana tem várias obras, a maioria ainda não lançadas em português, que exploram assuntos importantes à

memória coletiva coreana. Keum Suk Gendry-Kim pode ainda ser desconhecida para o público brasileiro, mas suas obras mostram um grande poderio de vendas, uma vez que já tiveram traduções para o francês, o italiano, inglês e japonês, a título de exemplo.

As novelas gráficas de Keum Suk Gendry-Kim se inscrevem num espaço-tempo com especificidades, referente à cultura coreana, no entanto, como a própria relata no posfácio à edição, “este não é um relato que se restringe à história da Guerra da Coreia, ou dos coreanos, ou da minha mãe, uma vez que famílias separadas não são exclusividade da Guerra da Coreia” (s.p., 2021).

Essas atrocidades que acontecem vão deixando rastros e vítimas. Daí reside a força da voz de Keum Suk Gendry-Kim: trazer, mesmo com as especificidades culturais próprias à Coreia, um tema universal, que não se restringe a um momento específico, mas sim, a um sentimento compartilhado por pessoas que passam por esses trágicos acontecimentos, independente da língua, ou do espaço geográfico que ocupam. Por isso, alguns teóricos defendem a urgência e o desejo desses sobreviventes de narrar, uma vez que, por meio da narração, o sobrevivente intenta renascer.

Contudo esse *religare* às vezes perde-se num labirinto mnemônico; o narrador pode ver um novelo e, ansiosamente, ir puxando, puxando, puxando... Até não se encontrar mais. No caso de *A espera* o que desencadeia o desenrolar do novelo memorialístico de Gwijá é o momento em que observa um menino brincando com um cachorro chamado “Meia”, porque é daí em diante, ela lembrará do cachorro que ela tinha na infância, coincidentemente chamado “Meia”, e levará o leitor aos flashbacks de momentos da sua vida.

Aos leitores é narrada a história de Gwijá, desde 1937 a 2020, entre falas do passado e do presente, comum às narrativas mnemônicas, desde quando morava em Gapsan, na Coreia do Norte. Passamos pela colonização japonesa, pela libertação da Coreia e pela Guerra entre as Coreias.

É a iminência dessa última que faz Gwijá sair do Norte e migrar para o Sul junto a um grupo de andarilhos, a fim de fugir dos soviéticos – que são retratados nos quadrinhos sem olhos e

com os rostos nebulosos. No meio do caminho, seu marido carregava o filho mais velho e ela uma bebê. Os dois se encontram e o resto da vida de Gwijá vai ser marcada por esse sumiço.

Nesse sentido, “o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa” (SELINGMANN-SILVA, p. 69, 2008). *A espera* traz literalmente no título o mote da trama. *Sperare* é o termo em latim para a nossa palavra *esperança*; daí também vem a derivação para o verbo *esperar*, que significa ter de “aguardar, ter esperança”. O núcleo desse verbo não deixa fresta para inércia. Assim, em todas as páginas da novela gráfica, estaremos nos confrontando com uma espera inquietante e ao mesmo tempo esperançosa.

A cada novo quadro e fala, fica mais latente o questionamento que lança a própria autora no posfácio à obra: “o quanto será que entendemos da dor e agonia de alguém que nem sabe se o seu ente querido está vivo ou morto?” (GENDRY-KIM, 2021, s.p.), semelhante às inquietações que traz Susan Sontag em *Diante da Dor dos Outros*, quando declara que guerras despedaçam e separam um mundo construído. Isso fica claro na personagem da mãe.

Separada em dez capítulos, de *Saindo da cidade à vídeo-carta da mamãe*, *A espera* revisita diversos tópicos caros à história coreana, no entanto, a autora aqui utiliza de símbolos para se referir a eles. A imaginação, aqui, se mostra como o *medium* para enfrentar o testemunho do trauma. Algumas obras trabalham com esse tema, também, por exemplo, recentemente, foi traduzido a obra *Atos humanos*, de Han Kang, que fala sobre o massacre de Gwangju, nele podemos ver um movimento semelhante em relação ao narrar um trauma, mas nessa novela gráfica é pertinente dizer que as imagens são extremamente necessárias. Há uma recorrência das imagens da natureza⁰¹, que

01 É possível que leitores mais interessados na literatura coreana possam relacionar o tema da maternidade retratado pela novela gráfica, bem como nas imagens literárias criadas, com o livro *Por favor, cuide da mamãe*, de Shin Kyung-Sook, já traduzido para o português.

aparecem em diversos quadros, principalmente, nos que entrelaçam às pessoas às raízes das árvores.

Um dos quadros mais bonitos de Gendry-Kim são os que entrelaçam os cabelos, às raízes de árvores e à terra natal: “a paisagem da minha vila natal fica me vindo à cabeça. Vejo em sonhos a minha época de mocinha, quando os japoneses capturavam meninas a torto e a direito e eu ficava escondida na montanha com minha mãe” (GENDRY-KIM, p. 44, 2021).

Essa árvore com raízes bem marcadas exploram as profundezas de onde se enterram, metaforicamente, as memórias. Não só da filha, mas principalmente da mãe, e da Jeongsun, que tem a oportunidade de reencontrar a irmã, num encontro promovido pela cruz vermelha coreana. Todas essas personagens femininas em destaque, nos faz repensar um aspecto basilar da cultura coreana: o poder matriarcal na história coreana.

A maternidade é uma temática que vem ganhando espaço na literatura feminina coreana contemporânea, da década de 1990 para cá, muito em razão do contexto de opressão ao qual essa maternidade foi imaginada pelo poder patriarcal coreano. A maternidade vai aparecer como duplo signo: embebida de força, mas uma força dada por um poder superior masculino.

O próprio provérbio “mesmo se as mulheres forem fracas, as mães são fortes” transparecem um destino imutável, refletindo num sacrifício em *continuum* por parte dessas mulheres. Principalmente, no período posterior à colonização japonesa, a imagem de auto sacrifício maternal veio como uma epítome para a nação atravessar tempos estranhos. Além disso, há uma valorização entre a relação da *mãe-e-filho*, relegando à relação *mãe-filha* um lugar secundário.

É por aí que essas autoras contemporâneas, e aqui inscrevo Keum Suk Gendry-Kim, parecem buscar uma problematização nesse conceito de “poder materno” e de tudo que vem com agregado a ele, principalmente na sua representação no imaginário cultural coreano. Em *A Espera* temos um movimento semelhante: a alternância do ponto de vista é entre mãe e filha.

O começo da narração vem com a filha, culpada, explicando sua partida, revelando alguns aspectos da sua relação com a mãe – uma mulher que teve uma vida difícil, se sacri-

ficando em prol dos filhos – buscando compreender as razões pelas quais a mãe fez o que fez (*por que ela dançou a dança da expectativa dessa sociedade?*).

Essa troca de pontos de vistas é uma forma, também, de justapor dois imaginários geracionais de mulheres coreanas, a fim de observar as possíveis alternativas que existem por trás de uma visão de mundo centrada na figura masculina.

A mãe Gwijá representa, nesse plano, a antiga geração de mulheres que tinham limitadas oportunidades de vida; à elas eram confiadas a dedicação necessária para construir um lar sólido e feliz, deixando de lado a sua própria subjetividade, sonhos e desejos. É o que vemos durante as falas de Gwijá quando relata que não podia comer determinadas comidas ou ir à escola, pelo fato de ser mulher. Esses “privilégios” eram dados aos homens, os ditos “pilares”.

Por outro lado, a filha Jiná representa essa geração mais nova, capaz de obter mais realizações profissionais, ganhando prêmios literários – mesmo que não tenha conquistado um teto seu, talvez uma referência implícita ao texto basilar de Virginia Woolf, *Um teto todo seu* de 1929 –, estudando, realizando-se como algumas outras mulheres da família não tiveram a oportunidade. O fato também das duas terem nomes (Gwijá e Jiná) – algumas narrativas não trazem os nomes dos personagens – diz ao leitor que ali existem duas subjetividades, duas identidades, dois mundos, e que ali elas não estão brincando nos papéis designados à elas, mas sim, relatando as suas histórias, angústias e culpas.

Duas mulheres, duas narrativas, duas Coreias: o espelhamento indica a mescla entre passado e presente. “Na situação testemunhal o tempo passado é tempo presente” (SELIGMANN-SILVA, p. 69, 2008). No entanto, é necessário trazê-la à tona para que essa história, de um passado não tão distante, não caia no esquecimento, não só dos coreanos, mas de uma humanidade que dia após dia enfrenta guerras e mais guerras.

REFERÊNCIAS

ELFVING-HWANG, Joanna. The maternal feminine and female genealogies, in: *Representations of femininity in contemporary South Korean women's literature*, 2010.

GENDRY-KIM, Keum Suk. *A espera*. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2021.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. *Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis*, 2014.

SÁ, Joane Leôncio de. *O romance gráfico autoral brasileiro: entre os rótulos e a legitimação*. Tese de doutorado, UFPE, 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*, 2008.